

---

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

---

### A INTERVENÇÃO DA MEMÓRIA NAS CRÔNICAS DE MARINA COLASANTI

Leoné Astride Barzotto  
(PG-UEL)

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma. (Colasanti, 2003: 68)

**RESUMO:** Este estudo tem por finalidade selecionar algumas crônicas da escritora Marina Colasanti e, a partir delas, investigar a miríade de reflexões e lembranças que afloram do universo feminino através das interferências da memória expostas em sua literatura. Enfocar-se-á, nas crônicas, a presença da memória, da reflexão e da consciência feminina expostas pelo caráter autobiográfico que a escritura de autoria feminina possibilita.

**PALAVRAS-CHAVE:** escritura feminina; crônicas; autobiografia; memória.

#### **Introdução**

Em 2003, Marina Colasanti publica pela editora Ática uma coletânea de vinte e cinco crônicas intitulada *A casa das palavras*, que também dá nome a uma das crônicas e cujo título já revela um caráter intuitivo e provocador a respeito de um mundo que é possível criar a partir das palavras. De forma criativa e inovadora, tal obra apresenta crônicas que versam sobre a natureza, sobre os mais diferentes animais e o quanto a cronista se aproxima deles, sobre o tempo e sua fugacidade e, principalmente, a respeito das reflexões, dos pensamentos e das lembranças que carregamos no dia-a-dia e que, de certa forma, revelam o que de fato somos.

Sem prender-se às formas e padrões fixos a autora acaba desenvolvendo um estilo todo seu, enfatizado nesta obra uma vez que todas as ilustrações são produzidas por ela também. Percebe-se, no percurso das crônicas, o desabrochar dos sentimentos humanos, a

fragilidade e dependência diante das forças naturais que regem a vida, os fatos divulgados sem pudor, sem meias palavras, sem caprichos ou deleites formais, sem preocupação afinal. “Crônica, vamos dizer assim, é um texto a cavalo. Mantém um pé no estribo da literatura. E outro no do jornalismo. Bem estribada desse jeito, tem conseguido vencer belas provas mesmo correndo em pista pesada”. (Colasanti, 2003: 5)

São histórias e fatos compostos de uma linguagem despojada; contudo, profunda, marcante e direta que é fomentada pelo uso detalhado de metáforas, imagens, símbolos, invenções, sugestões, ousadias; enfim, palavras e mais palavras que rasgam um universo inteiro de significados.

Percebe-se, nesta obra, uma ênfase ao universo existencial feminino e às frestas da memória que o cercam. Distanciando-se do ficcional e da narrativa, com trejeitos descritivos e aspectos de comentário, a autora vai distribuindo crônicas pela obra baseadas em idéias, experiências e reflexões vividas.

Portanto, selecionou-se três crônicas da autora, dentro da obra citada, para mais de perto investigar questões da lembrança, da reflexão e da consciência expostas pelo caráter autobiográfico que essa escritura de autoria feminina possibilita, trazendo à tona detalhes preciosos que desvelam a composição do dia-a-dia da mulher, seja ela escritora, cronista, desenhista, dona de casa, mãe, ou desempenhe qualquer outra função. Para tal, as crônicas escolhidas são: *Cosendo os pontos do dia* (p.75); *O que me contaram* (p. 80) e *Porque esta é a paz* (p. 83).

### **Por trás das palavras, uma voz: Marina Colasanti**

Marina Colasanti nasceu em 26 de setembro de 1937, em Asmara, na Eritreia, então colônia da Itália. Ainda bem pequena, viveu em outra cidade africana, Trípoli, na Líbia. Com apenas três anos, foi com a família para a Itália, em plena guerra. Em 1948, seus pais vieram para o Brasil e foram morar no Rio de Janeiro onde ocorreu o encantamento com a fauna e com a flora do local; enaltecido pela cultura e idioma de nosso país.

Artista multifacetada, Marina estudou Belas Artes no Rio e, em 1958, já participava de vários salões de Artes Plásticas, como o III Salão de Arte Moderna. Nos anos seguintes, colaborou em vários periódicos, foi apresentadora de televisão e roteirista, e traduziu textos importantes da literatura italiana. A escritora é poeta, contista, cronista e romancista, além de jornalista, redatora, colunista, repórter, pintora e gravadora em metal, ilustrando ela mesma muitas de suas obras. Em 1968 foi lançado seu primeiro livro, *Eu Souinha* e, a partir daí, publicou mais de 30 obras, entre literatura infantil e adulta. Em 1994, ganhou o Prêmio Jabuti de Poesia, por *Rota de Colisão* (1993), e o Prêmio Jabuti Juvenil (1993), por *A na Z A onde Vai Você?* Destaca-se também o prêmio latino-americano Norma-Fundlectura de 1996, por *Longe como o meu querer*.

Em suas obras a autora reflete, critica, questiona, revela, grita, desobstrui a bruma envolvente e deixa vir à tona detalhes ocultos que formam a vida humana; especialmente vigilante acerca da realidade feminina e, a partir de fatos cotidianos, talentosamente expõe o amor, a arte, a dor, o desejo, a negação, os problemas sociais, a tradição, a ruptura, e tantos outros pontos, sempre com sensibilidade ímpar e olhar singular.

### **À guisa dos olhares femininos**

Em cada período histórico, em cada continente, em cada sociedade diferentemente organizada há, desde todo o sempre, o clamor e o ardor da mulher, enaltecidos na contemporaneidade pela escritura de autoria feminina. A história da humanidade é uma história de dores e conquistas proposta de tal forma em que a mulher luta duplamente; ao lado do homem para alcançar as condições que nos levaram a um processo civilizador e, contra o homem, para provar que ambos são constituídos dos mesmos temores, aspirações, fraquezas e forças; características humanas que em algumas épocas foram negadas a mulher e ainda o são em determinadas culturas.

Gayatri Spivak (1995) levanta a questão da dupla objetificação da mulher ao estabelecer que a mesma é, muitas vezes, marginalizada dentro de sua própria casa e também diante da sociedade patriarcal em que se encontra. Spivak traz à tona a “voz da mulher” a partir de textos literários de autoria feminina; pois, acredita a crítica literária que em alguns lugares do planeta somente a expressão escrita possibilita a quebra de mitos e preconceitos há muito reforçados pelo discurso e ideologia patriarcais.

O texto literário de autoria feminina é então uma metonímia da saga das mulheres, também como uma ferramenta de alerta e denúncia onde há uma voz por detrás das letras. As piores batalhas já foram travadas e as mulheres, de uma forma geral, vivem a plenitude de sua independência conquistada, peculiarmente percebida pelo texto literário em si.

Elaine Showalter (1986) aponta três etapas para o percurso das obras literárias de autoria feminina. A primeira e mais prolongada é chamada de “feminina”, caracterizada pela imitação; a segunda, chamada de “feminista”, caracteriza-se pela ruptura e, a terceira, denominada “fêmea”, é a etapa da autodescoberta, da busca pela própria identidade. Nas entrelinhas literárias, a etapa feminina ainda carrega o sentimento de culpa da mulher, ainda desalojada de seu “eu”; já a etapa feminista enaltece o caráter de luta da mesma contestando os ditames patriarcais e, por fim, a etapa fêmea revela a independência total da mulher e sua vivência mais harmoniosa com o universo masculino; fatores visíveis nas obras contemporâneas. Porém, tais etapas não são fixas nem postas rigidamente sendo que uma mesma escritora pode ter passado por todas elas ou ter se destacado mais em uma que em outra fase.

Ultrapassa-se, então, a fase dos intermináveis debates a respeito da alteridade e se constrói, enfim, uma trajetória cultural e literária femininas. “A história deve incluir um relato da experiência feminina através do tempo e deveria incluir o desenvolvimento da consciência feminina como aspecto essencial do passado das mulheres. Esta é a tarefa fundamental da história das mulheres”. (Showalter, 1994: 44)

### **“Cronicando” a vida**

Atualmente a crônica já se estabelece enquanto gênero literário de estilo próprio no âmbito das academias. Contudo, nem sempre foi assim. Como sugere Simon (2004: 198), a crônica foi um dos gêneros mais cultivados no século XX e ironicamente um dos mais desprezados pelos estudos literários no mesmo período. A partir da predileção e propagação que grandes nomes intelectuais tiveram diante da crônica, o quadro de figuração da mesma começou a mudar e, de texto puramente jornalístico, constitui-se então literatura, com teorias, especificidades e sistemas de análise próprios.

Neste trajeto, há no Brasil uma divisão temporal da crônica. Dos anos 40 a 80, consagra-se a Geração Rubem Braga, reconhecidamente um dos maiores cronistas brasileiros; com ênfase temática no lirismo. Dos anos 80 aos atuais, define-se a Geração Pós Rubem Braga, caracterizada pelo acréscimo do humor como base temática das crônicas de então.

Na crônica, a diversificação em relação à temática é mais aguda. Há inúmeras possibilidades, vide obra a ser analisada. Há crônicas que surgem a partir de diálogos, sem narrador, crônicas narrativas, puramente jornalísticas, semelhantes ao conto, mini crônicas; nascem a partir de memórias, de imagens, de fatos corriqueiros, de flagrantes, das passagens miúdas, etc. A possibilidade temática e inspiradora parece nunca se esgotar quando se trata de crônica. “A crônica promove, assim, uma convivência entre fórmulas às vezes tidas como incompatíveis”. (Simon, 2004: 203)

O texto que qualifica a crônica tem o compromisso com o cotidiano, com o tempo presente; liga-se a um fato ou acontecimento temporal que é relatado em relação ao tempo. Dessa forma, é mais natural que o cronista venha a se identificar mais com o espaço urbano uma vez que é neste âmbito onde ocorrem as maiores efervescências de fatos, também porque há o vínculo do cronista com a notícia “fresca”, com o recém acontecido, com as matérias de jornal que circulam na cidade. Todavia, mesmo diante de tantas ofertas temáticas para a produção de crônicas no espaço urbano, o lirismo ainda é um componente importante deste gênero já que o faz propagar e perdurar.

Antonio Candido (1987: 05) supõe que “A crônica não é um gênero maior” o que depois complementa com “Graças a Deus” para explicar que sendo a crônica um gênero menor, poderia assim ficar perto de nós.

Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (Candido, 1987: 05)

Antes de ser crônica foi folhetim e não nasceu propriamente do jornal, somente quando este se tornou bem popular e propagado, há uns 150 anos. Nesta caracterização, autores renomados como Machado de Assis, José de Alencar e Lima Barreto contribuíram em muito para a construção da crônica enquanto gênero.

Produto de notícias efêmeras, aparentemente despretensiosas, a crônica nutre-se do dia-a-dia, da vida cotidiana, da pressa dos homens, da linguagem despojada e coloquial, da gratuidade, de conversas, do humor lírico ou amargo, enfim: retira o máximo do mínimo. “[...] um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e a argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas”. (Coutinho, 1986: 121)

Coutinho (1986: 123) comenta que o cronista se revela geralmente pela imprensa periódica e nela encontra um dos maiores vínculos de intimidades com seu gênero e que, por conta deste aspecto, muitos críticos do século XX inclinavam-se a acreditar que a crônicas não apresentavam um caráter durável e permanente, considerando-a freqüentemente uma arte menor.

Arrigucci Jr. (1987: 52) conclui que, numa acepção do tempo, “o cronista é um *narrador* da história”, já que a crônica pode ser um testemunho de vida, um documento de uma época ou um meio de se inscrever a história no texto e o texto na história. O cronista é, dessa forma, um artesão, transformando a matéria-prima da vida em texto.

A crônica se liga intimamente às características que são marcas dos tempos modernos, como: novidades, consumo, insatisfação, pressa, stress, velocidade, fugacidade, caos, labirintos citadinos, rapidez dos fatos. Assim sendo, o texto da crônica assume aspectos que o remetem a essa realidade de onde surgiu, onde sobrevive e onde também velozmente se propaga.

Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado. (Arrigucci, 1987: 53)

Segundo Massaud Moisés (1987: 104), “a função do cronista é pretender-se não ao repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia”, porque senão o cronista se frustra com a efemeridade e fugacidade das notícias de jornais que, num dia são o colapso, e no outro, o lapso, virando papel para embrulho. É preciso ser mais que repórter; é salutar que o cronista tenha a veia da imaginação, da fantasia, do humor, da opinião para filtrar o fato cotidiano e, além de inspirar-se nele, torná-lo mais suave e atrativo aos olhos do leitor. Neste sentido, a crônica literária assume a perenidade do livro. Entretanto, Massaud (1987: 107) chama a atenção para um aspecto negativo das crônicas publicadas unicamente em livros, lembrando-nos que essa leitura em série poderia ser, para alguns, cansativa e quebrar a expectativa do imprevisto que tem a crônica no jornal uma vez que a crônica é um tipo de texto que não sugere releituras.

Por outro lado, mesmo as crônicas bem conseguidas não fogem ao destino que lhes assinala, desde o nascimento, ser criação breve e leve. Reduzindo o cotidiano em sua imensa variedade a pílulas de fácil digestão, pois que se dirige ao público médio, a crônica é por natureza uma estrutura limitada, não apenas exteriormente, mas, acima de tudo, interiormente. Ainda quando em livro, a crônica jamais rompe sua vinculação com o jornal: o signo da origem marca-lhe o rosto bifronte qualquer que seja o espaço físico que ocupe. (Massaud, 1987: 108)

### **Fagulhas da memória: pedaços de história**

A primeira crônica a ser analisada é *Cosendo os pontos do dia* (p. 75) em que a cronista parte de todas as suas atividades diárias, de todos os seus afazeres em casa e no trabalho, para refletir acerca da sua própria vida e dos rumos que tomou perante a rotina que a corrói por dentro. Lembra das coisas mais banais, como lavar o pé e desamarrotar a saia inúmeras vezes ao dia; atividades que lentamente, sub-repticiamente, vão deformando a imagem de satisfação e plenitude diante da vida. “O corpo dorme e amarrotta o lençol. Andar arranha o chão”.

Analisando a própria vida, a cronista entra em choque com a realidade frustrante da vida doméstica e profissional sempre igual, sempre no mesmo lugar, sempre a mesma coisa. Há muitos artifícios lingüísticos que reforçam o aspecto de cansaço diante da rotina proposta, como metáforas, repetições, antíteses e gradações. “Põe-se a mesa a cada refeição. A cada refeição tira-se a mesa”.

O mundo além dos limites da autora, a cidade, os automóveis, a vida dos outros parecem também estar nesta monotonia contagiante, rotineiramente a mesma coisa. “E nem se altera o percurso do ônibus. De casa até o serviço. Do serviço até em casa”. As ações postas em seqüência e novamente propostas, dia-a-dia, ferem a cronista que, atenta à reflexão e à consciência, num jogo autobiográfico, percebe que o tempo passou e que as marcas ficaram e nada pode ser feito para mudar este quadro da realidade. Quanto mais a autora insere a repetição das palavras e gestos na crônica, mais dolorida fica a certeza da fugacidade do tempo, das coisas e da vida. “Na parede branca, a marca da mão”.

A partir de um dia inteiro vivido, igual aos demais já vividos, a mesma observa-o e escreve uma crônica baseada nos fatos que compõem sua própria experiência de vida, incluindo mínimos detalhes. Temos a impressão de que estamos a ouvir uma entrevista ou uma espécie de relato pessoal acerca de fatos cotidianos da mulher escritora. A característica autobiográfica é tamanha que chega a invadir o espaço do lar da própria cronista: “Dona Marina, o que vai ser pro jantar?”

Percebendo o pó que toma conta da casa a autora transfere para a crônica a preocupação com a delicadeza e velocidade da vida, como que a demonstrar a urgência de zelo pela mesma, em uma linguagem metaforizada com a vassoura e a com casa. “Há quanto tempo não se varre esta casa?” [...] “O pó descendo fino, as aranhas tecendo”.

A imagem dos pratos, talheres e copos sobre a mesa sempre prontos, a esperar, retratam a expressão máxima da vida diária, do fazer e do desfazer do cotidiano, da ordem das coisas impostas pelo próprio ser humano e que, depois de conquistadas, nos aprisionam. A filosofia frente ao próprio viver nesta crônica é impactante e, às vezes, melancólica. Por muitas vezes usa o vocábulo “amarrota”, o que sugere uma analogia com a situação em si e a subsequente ação de alisar o que está amarrado, ou seja, colocando em ordem a desordem para depois exaurir-se dela. “Aliso as pregas da saia”. [...] “E que amanhã estico novamente, para guardar meu corpo, sempre o mesmo”.

Por fim, revela-se uma irritação com a mesmice do dia-a-dia e também quando esta ordem está fora do lugar. Na tentativa de organizar a vida, busca coser os pontos do dia; porém, o pano se rasga: nas pequenas coisas há a comprovação de que tudo se esvai; tampouco mudamos a rota dos fatos. Dessa maneira, a seqüência de tudo leva-a à exaustão mental. Contudo, sutilmente demonstra que o ontem teve a sua marca e que o amanhã pode ser diferente. “Ontem demorou muito, teve engarrafamento. Hoje saio mais cedo”. [...] “A tarefa cumprida que amanhã será outra”.

Todavia, há lapsos de satisfação permeando este emaranhado de atividades rotineiras que deflagram um recorte autobiográfico da cronista, como a ação de regar as plantas; delatando a proximidade que a autora tem com a natureza. “Na cabeceira, o pó turva a água do copo. Serve para molhar a planta”. Há o tédio perante os pormenores do seu cotidiano; entretanto, é neste espaço que se reconhece, demonstrando maior pavor quando o mesmo se desestabiliza. “Na beira do copo, a marca do batom. Água, sabão, esfrega e pano. É preciso um corrimão,

é preciso um pires, é preciso um guardanapo”. Fagulhas de memória trazem à tona experiências de vida que, transportadas ao texto, viram crônicas; pequenas histórias.

Já a segunda crônica aborda uma temática bem diferenciada: lembranças da infância da cronista na África, território onde nasceu. A crônica *O que me contaram* (p. 80) denuncia, a começar pelo título, a incerteza dos fatos acerca do que foi contado para a autora quando ainda era uma criança e que, agora adulta, desconfia. Na verdade, o fato corriqueiro que possibilita o revoar das lembranças é a simples observação, mais detalhada, de fotografias de uma época distante e que, revisitadas, fazem florescer lembranças miúdas no grande campo fértil da memória e, aos poucos, essas miudezas vão remontando pedaços de vida. “Minha mãe garante. E a foto testemunha”.

Colasanti analisa com profunda suspeita e olhar crítico tudo o que “lhe fora contado” no passado e compara com o testemunho das fotos no presente para tirar suas conclusões mais precisas dos fatos outrora narrados. “Na foto a expressão é de cansaço e mau humor. Mas eles garantem que caçar era muito divertido”. Além do mais, a autora consegue abstrair entre as histórias do passado e o registro das mesmas pelas fotos que nem tudo era como fora dito e que, por trás das aparências das fotos, havia um algo mais, outra realidade obscurecida, pois quando a mesma havia morado na África, a Eritreia ainda era colônia da Itália. “Caçadores europeus. Os bichos, eles já viram no zoológico”.

Volta inclusive ao tempo em que era bebê, pelas fotografias, como se estivesse em uma espécie de transe, em retrocesso vital. Paralelamente, compara as faíscas da memória ao que de fato constata nas fotos e percebe, então, que nem tudo foi como ela pensava ter sido. “Fico quase sempre ao ar livre, no berço”. Retoma também as festas da alta sociedade que o pai, enquanto representante da metrópole, fazia parte. Através da imagem recupera na lembrança os trajes finos que o pai e a mãe usavam para essas ocasiões: “Por requinte, meu pai e minha mãe usavam Albornoz sobre traje de noite”. Revive com isso a ausência dos nativos em tais situações, freqüentadas somente por europeus ou pessoas muito importantes do local, ou seja, percebe a objetificação que sofreram aquelas pessoas com quem convivera na sua infância. “Da colônia compareciam apenas os mais favorecidos”.

Num estilo de análise filosófica segue Marina Colasanti, em sua coletânea de crônicas, ao revirar histórias já vividas por ela e a partir delas se reposicionar acerca da própria experiência de vida, principalmente nas crônicas de traços autobiográficos como as selecionadas neste estudo.

Colasanti põe a público, por meio das crônicas, detalhes particulares de sua vida, analisa-os criticamente, especifica sua opinião diante das coisas do mundo como a defesa pela natureza e pelos animais, sempre tão vulneráveis nas mãos dos homens. Concomitantemente, divide experiências entre familiares, amigos, pessoas da casa e da rua, mas especialmente com mulheres que se ligam de uma forma ou de outra à sua rotina, como as filhas, empregadas, mulheres que vão e que vem na rua, no trabalho, nas viagens, nos passeios, etc. Há, sem dúvida, um olhar muito sensibilizado e particularizado da autora em relação a esse universo feminino que proficuamente sabe relatar. “Foi minha mãe que jogou o cantil, de propósito, com medo da morte”. [...] “Minha mãe garante”.

Nesta crônica, por fim, denuncia a posição do próprio pai no papel de colonizador e invasor do território africano, detalhando seus caprichos perante os habitantes nativos do território africano. “Um dia, numa caçada, encontraram uma sucuri. Esmagaram-lhe o crânio com a coroa dos fuzis. E como meu pai *queria muito comer filé de serpente*, meteram a vítima

num saco, (grifo meu) [...]”. De acordo com Spivak (1995) o pai seria o “Outro”, o representante da força imperial e hegemônica européia ao passo que os nativos seriam os “outros”, subjugados às vontades e imposições do branco europeu. Portanto, a crônica termina com uma conclusão negativa da escritora face aos fatos de sua infância e de como fora, de certa forma, enganada. “Essas são as coisas que eu soube do país onde nasci. Que era dos outros, que tinha sido tomado, só aprendi mais tarde”.

A última crônica a ser analisada é *Porque esta é a paz* (p. 83). Novamente a base temática se difere enormemente das demais crônicas da obra, pois nesta a autora aborda o término da segunda grande guerra mundial. Colasanti sai da África ainda pequena e retorna à Itália com seus pais, em plena guerra; deste período surgem lascas de recordações que a fazem produzir tal crônica. Ainda menina, acompanha cada segundo que envolve o fim da terrível e sofrida guerra onde tudo e mais um pouco é motivo de comemoração, cada detalhe deve ser contemplado e cada sentimento deve ser vivido. “Barulho festivo de repente, já sem costume. E a luz que sobra, toda, acesa”.

Relata, na crônica, de forma vívida e marcante os primeiros sinais de que a guerra terminara de forma tão expressiva que parece estarmos presenciando tal momento ou algo semelhante ao impacto cinematográfico de um filme. O contado com as pessoas, a reaproximação das gentes do lugar, a reorganização da casa, o expor-se ao tempo sem medo, o olhar para o céu, a liberdade de brincar, sorrir, cantar e dançar voltam com força total nas entrelinhas da crônica enquanto a escritora reativa cada vez mais as fontes da sua memória e, com requinte, deixa-nos a par de como aquele período difícil da guerra acabara. “Depois de tanto, tanto sofrimento. Acabou. Gente na rua, e o sorriso permitido. Mãe, podemos ir à praça? Os americanos chegaram”.

Todavia, os desejos são tantos e tamanha também é a miséria do final da guerra que reconstruir a vida não é tarefa em nada fácil, tampouco o é esquecer o que passou. “Mas sem prédios para contê-las as ruas se perderam debaixo das ruínas, e os campos já não existem”.

A autora mergulha nas lembranças e vibra com o final de uma barbárie. Porém, astutamente, consegue perceber, prever e denunciar na crônica uma atual situação neoimperial. “Quero esquecer o alemão que nunca aprendi, [...] Preciso agora aprender a humilhar-me em inglês”.

Detalhes delicados e, supostamente supérfluos, cortam-lhe a razão, pois em época de guerra o lógico é incompreensível. “É preciso tirar da despensa o cheiro de vazio e prepará-la para as comidas que virão. [...] onde a dona de casa faz o pão. É o altar da família”. Entretanto, a melancolia dá lugar a alegria que invade casas e vidas. “Tocam buzinas lá fora, e a gente canta”. Tudo parece ser possível, começa-se um novo tempo. “Pode olhar para cima”.

Renovada com as lembranças esfuziantes do final da guerra, Colasanti acaba a crônica por analisar as máculas deixadas pela mesma; cicatrizes que para sempre carregará, inclusive para inesperadamente compor crônicas. Termina a guerra; termina a crônica; e a vida continua ao modo que deve e pode ser. “E o pão e o ouro correm num mercado, negro como é conveniente”. No entanto, o momento exige celebração: “E vou chorando. E canto. Porque a guerra acabou. E esta é a paz”.

Desta forma e por fim, a autora consegue transpor para o papel e para a tessitura literária recortes de vida e de história que, por ventura, transformam-se em crônicas. Por meio da análise das crônicas há pouco abordadas, pode-se abstrair o quanto os rastros e marcas da memória influenciam na construção psicológica e identitária de uma pessoa, a ponto de interferir na ordem do seu cotidiano e, pelo poder da escrita, reviver e propagar estórias.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI JR, Davi. 1987. “Fragmentos sobre a crônica”. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras. [51-65].
- CANDIDO, Antonio. 1987. “A vida ao rés-do-chão”. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática.
- COLASANTI, Marina. 2003. *A casa das palavras*. São Paulo: Ática.
- COUTINHO, Afrânio. 1986. “Ensaio e crônica”. *A literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF.
- MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo (Org.). 1987. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix.
- SHOWALTER, Elaine. 1994. “A crítica feminista no território selvagem”. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_\_. 1986. EAGLETON, Mary (ed). *Feminist literary theory*. New York: Basil Blackwell.
- SIMON, Luiz Carlos Santos. 2004. “Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga”. *Gragoatá* n° 17, Niterói: UFF.
- SPIVAK, Gayatri. 1995. A critique of imperialism. In: ASHCROFT et al. *The post-colonial studies reader*. London: Routledge.

## MEMORY INTERVENTION IN MARINA COLASANTI'S CHRONICLES

**ABSTRACT:** This research aims at selecting some chronicles written by Marina Colasanti and, from them, investigate a miscellany of reflections and memories which surface from the feminine universe through memory interferences exposed in her literature. It will be focused, in the chronicles, the presence of memory, the reflection and the feminine awareness revealed by the autobiographical aspects within the possibilities of the woman's writing.

**KEYWORDS:** woman's writing; chronicles; autobiography; memory.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.